



ESTÚDIO: ARQUITETURA DE OBRAS PÚBLICAS

Alex Martins dos Santos¹, Brunna Rodrigues Santos Barbosa², Erivan Leite Diniz³, Fúlvio Teixeira de Barros Pereira⁴,
Marcus Vinicius Dantas de Queiroz⁵, Miriam de Farias Panet⁶, Rayffi Gumerindo Pereira de Souza⁷
fulvio.teixeira@professor.ufcg.edu.br, marcus.dantas@professor.ufcg.edu.br, miriam.farias@professor.ufcg.edu.br,
rayffi.ufcg@gmail.com

Resumo: A intervenção no espaço construído pode promover inclusão, identificação e otimização do uso por meio de abordagens multidisciplinares. Neste estudo de Extensão, busca-se compreender como intervenções efêmeras e mutáveis no ambiente escolar, desenvolvidas com a participação ativa da comunidade da UAEB/CAP - UFCG, impactam o aprendizado pedagógico, as vivências e as memórias das crianças no contexto escolar.

Palavras-chaves: *Arquitetura de Obras Públicas, Arquitetura Efêmera, Espaço Escolar, Pedagogia da Escuta.*

1. Introdução

A arquitetura, em sua essência, vai muito além da materialização de formas e funções: ela molda vivências, influencia comportamentos, contribui para a construção de identidade coletiva e armazena em suas marcas o que nos molda enquanto sociedade, a história. Cada espaço edificado carrega consigo traços do tempo, da cultura e das relações humanas que nele uma vez se estabeleceram e se estabelecem continuamente num ciclo quase ininterrupto.

Nesse contexto, a arquitetura de obras públicas assume um papel fundamental e quase único: ao servir diretamente às pessoas, esses espaços tornam-se parte de seus cotidianos enquanto comunidades, exercendo impactos em suas vidas e imaginários, em nuances possivelmente nunca compreendidas: as memórias abrigadas. Quando planejadas com sensibilidade e compromisso, essas edificações podem fortalecer laços sociais, garantir acessibilidade e proporcionar experiências com qualidade e respeito às pessoas.

Diante dessa realidade, o projeto de extensão “ESTÚDIO: arquitetura de obras públicas”, que vem sendo desenvolvido pelo grupo de pesquisa e extensão ESTÚDIA, do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), dedica-se à análise e qualificação de diferentes tipologias de equipamentos públicos em Campina Grande e região. Atuando em parceria com a comunidade, o grupo busca compreender o funcionamento desses espaços, suas dinâmicas de uso e as necessidades dos usuários, a fim de propor intervenções que aprimorem sua funcionalidade e relevância social.

Tendo por objetivo principal elaborar estudos e/ou propostas para a qualificação de edifícios públicos na cidade de Campina Grande (PB) e região, bem como produzir materiais que possam contribuir com o melhor funcionamento e atendimento de tais ambientes públicos.

Ademais, outros de seus objetivos com suas ações são: 1) Realizar levantamentos, avaliações pós-ocupação e diagnósticos dos aspectos arquitetônicos de edifícios públicos; 2) Propor recomendações e diretrizes para a melhoria das condições físico-espaciais, do desempenho e da adequação normativa das construções; 3) Oferecer assistência técnica especializada no âmbito do projeto de arquitetura de edificações e mobiliários; 4) Promover a integração entre a extensão, as atividades do grupo de pesquisa ESTÚDIA e disciplinas do curso de Arquitetura e Urbanismo e demais cursos da UFCG.

Neste edição, o foco da Extensão se voltou à Produção de Artefatos Pedagógicos para escola infantil da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), aliando a multidisciplinaridade entre os cursos de Arquitetura e Urbanismo, Pedagogia e Psicologia de seu Campus Sede, com parceira da Unidade Acadêmica de Ensino Básico (UAEB/CAP) e de seu Centro de Humanidades. Por meio do desenvolvimento de brinquedos, brincadeiras e intervenções espaciais, investiga-se como o ambiente construído pode potencializar a aprendizagem infantil, especialmente no contexto do Atendimento Educacional Especializado (AEE).



^{1,2,3} Estudantes de Graduação, UFCG, Campus Campina Grande, PB. Brasil.

^{4,5,6} Orientador/a, <Docente>, UFCG, Campus Campina Grande, PB. Brasil.

⁷ Coordenador, <Docente>, UFCG, Campus Campina Grande, PB. Brasil.

Figura 01 – Mapa de Localização da UAEB/CAP

Este trabalho apresenta o percurso dessa experiência: compartilhando o processo de escolha, desenvolvimento e produção dos artefatos e intervenções espaciais realizadas ao longo da Extensão no ambiente escolar, além de expor, qualitativamente, as limitações e os impactos na comunidade das ações realizadas.

A proposta parte do entendimento de que a arquitetura escolar não é apenas um cenário, mas um agente ativo na formação dos sujeitos que dela fazem uso, reafirmando-se assim, o compromisso com uma arquitetura que vai além do edifício, valoriza as percepções e desejos dos usuários, nesse caso em particular, as crianças.

2. Metodologia

2.1 Planejamento das Atividades

Inicialmente, com o intuito de estabelecer cronograma e ações da Extensão, bem como debates acerca de possíveis metodologias abordadas, foram realizados encontros com todos os integrantes do projeto. Nos encontros, síncronos e assíncronos, eram definidos e discutidos os principais pilares da Extensão: 1) Parcela da Comunidade a ser trabalhada; 2) Espaços do ambiente escolar a serem intervindos; 3) Objetos de Intervenção e 4) Diretrizes de Intervenção.



Figura 02 – Primeira reunião de Extensão

2.2 Diretrizes para Intervenção

Assim, após parecer pedagógico por parte da equipe de Professores que acompanhava os grupos escolhidos e o entendimento claro das necessidades relacionadas a ensino, além do perfil das crianças, visualizou-se a necessidade de um planejamento de encontros também com esses estudantes: principais beneficiários e impactados com as ações da Extensão.

O reconhecimento dos desejos coletivos reflete uma abordagem pedagógica que valoriza a escuta ativa e a participação infantil. Essa perspectiva está alinhada com os princípios da educação democrática e da pedagogia da escuta, como proposto por Loris Malaguzzi, idealizador da abordagem Reggio Emilia (MALAGUZZI, 1999), e Paulo Freire, que defendem a importância de considerar as vozes e os interesses das crianças no processo educativo (FREIRE, 1996).

A Convenção sobre os Direitos da Criança (ONU, 1989) reforça essa visão ao estabelecer que as crianças têm o direito de expressar suas opiniões e de tê-las consideradas em assuntos que lhes dizem respeito, reconhecendo-as como sujeitos ativos e capazes de contribuir para o processo educativo (BRASIL, 1989).

Nessa perspectiva, as atividades partiram de um processo contínuo de escuta das crianças, sendo ouvidas durante o cotidiano em diversas situações, onde nesses momentos concentrava-se a atenção nas falas espontâneas, comportamentos não verbais, reflexões mediadas durante os momentos de roda de conversa (parte da rotina escolar).

E esses dois momentos principais dividiram-se em: a) no dia a dia com os membros do projeto que atuam na unidade (professor Rayffi Gumerindo e o estagiário de Psicologia Erivan Leite Diniz); b) durante visitas e oficinas realizadas pela equipe de Extensão completa com a comunidade escolar, envolvendo também familiares dos alunos em momentos excepcionais.

2.3 Materialidade

Por fim, no que diz respeito a materiais, surgiu a necessidade que os mesmos seguissem alguns critérios, como o baixo custo, a durabilidade, e a relação das crianças com os mesmos. Houve também uma preocupação com as texturas que esses materiais iriam apresentar, uma vez a presença de texturas marcantes ser um ponto necessário para potencializar a qualidade tátil-sensorial dos artefatos, atraente às crianças pequenas e tornando-se mais um recurso pedagógico.

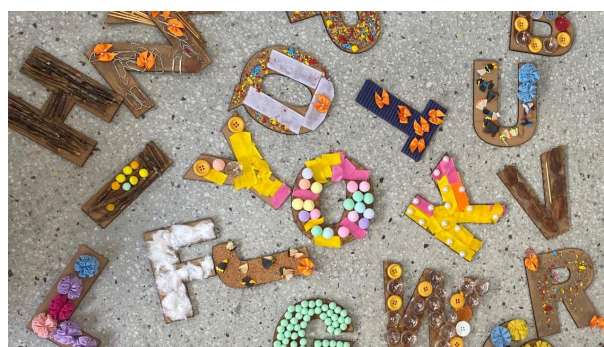


Figura 03 – Texturas selecionadas para as letras

Assim, para a 1ª leva de ações, a materialidade escolhida foi cartão de sapateiro de 4mm, com adornos em: algodão, gravetos, lixas, botões, barbantes, diversos tipos de tecidos, velcros, entre outros materiais.

Já para o 2º eixo de atividades, chegou-se ao Tubo de Bobina de Plotter, de papelão, usado em gráficas e papelarias. Foram encontrados tubos de 90cm, 120cm e 150cm de comprimento, além de um tubo de 3. Assim, seguiram-se as atividades.

3. Resultados e Discussões

O projeto contou com a participação de dois estudantes do curso de Arquitetura e Urbanismo, e um estudante de Psicologia, trabalhando diretamente com a

comunidade escolar da Unidade Acadêmica de Educação Básica/Colégio de Aplicação da UFCG (UAEB/CAP).

No total, 122 crianças, com idades de 2 a 5 anos, foram beneficiadas, juntamente com 14 professores regentes e 12 estagiários de Psicologia e Pedagogia. A respeito das ações desenvolvidas, elas foram divididas em duas principais intervenções:

3.1 Letras

A primeira atividade realizada com o objetivo de intervenção foi a criação de um alfabeto fixo, uma vez citada pelos Professores a necessidade de que os alunos tivessem estímulos relacionados ao aprendizado do alfabeto, e, sobretudo, fonemas e sons para posterior alfabetização a longo prazo.

O objetivo dessa intervenção era proporcionar ao aprendizado das crianças um contato mais próximo e interativo com as letras, uma vez entendida a necessidade concreta de um alfabeto físico na sala de referência, aliada ao desejo das crianças de interagir com elementos táteis e visuais, resultando em um material pedagógico que reforçou o aprendizado da linguagem escrita.

A partir disso, obteve-se como produto final o alfabeto fixo personalizado pelas crianças em oficinas com os extensionistas que, tornaram-se parte espacial da sala de referência ao serem fixadas no ambiente para que as crianças conseguissem interagir em diversos momentos de sua rotina pedagógica.

As letras, em cartão de sapateiro de 4mm foram previamente, recortadas em uma cortadora a laser, maquinário existente no Bloco de Arquitetura (CW) da UFCG. E levadas para a oficina com as crianças.



Figura 04 – Letras sendo recortadas no bloco CW

A personalização das letras ocorreu em oficinas, onde as crianças puderam escolher e aplicar diferentes texturas nos caracteres, utilizando materiais como tecidos, lixas, algodão, velcro e botões. O processo foi inclusivo, garantindo a participação de todas as crianças, incluindo aquelas neuro divergentes, que expressaram suas preferências de maneira verbal e não verbal. Um exemplo significativo foi uma criança não verbal com TEA (Transtorno do Espectro Autista), que escolheu uma textura específica para personalizar a letra “T”, demonstrando como o projeto valorizou a escuta ativa e a diversidade sensorial.

Após a instalação das letras na sala de aula, observou-se um forte envolvimento das crianças, que passaram a interagir espontaneamente com o material. Muitas associaram as letras aos seus próprios nomes e

desenvolveram uma relação afetiva com o alfabeto, o que facilitou o processo de aprendizagem e socialização. Além disso, a disposição das letras no quadro branco da sala reforçou sua função pedagógica, tornando-se um recurso visual de grande importância para os professores no ensino da alfabetização.



Figura 05 – Letras fixadas no quadro

3.2 Casa-Castelo

A segunda intervenção consistiu na concepção e construção da Casa-Castelo, uma estrutura lúdica que surgiu a partir da escuta das crianças sobre seus desejos para o espaço escolar. Inicialmente, as crianças participaram de dinâmicas onde expressaram suas preferências por meio de desenhos e votações, definindo coletivamente a ideia de um castelo como espaço de brincadeira.

A escolha do material levou em conta critérios como segurança, acessibilidade e reutilização, resultando no uso de tubos de papelão provenientes de bobinas de plotter. A construção ocorreu em uma oficina especial, realizada em um sábado, permitindo a participação dos pais, professores e extensionistas. As crianças ajudaram a pintar e decorar a estrutura, tornando o processo ainda mais significativo e reforçando seu senso de pertencimento ao espaço escolar.



Figura 06 – Oficina de Construção da Casa-Castelo

A Casa-Castelo proporcionou não apenas um novo espaço de lazer, mas também estimulou habilidades sociais, como cooperação e negociação de regras entre as crianças. Além disso, o envolvimento delas em todas as etapas do processo fortaleceu sua criatividade e participação ativa na construção do ambiente escolar.



Figura 06 – Oficina de Construção da Casa-Castelo

Nos dias seguintes à instalação da Casa-Castelo, observou-se um intenso uso da estrutura pelas crianças, o que resultou em um desgaste mais rápido do que o esperado. Para garantir a durabilidade e segurança do brinquedo, foram feitos reforços estruturais com ripas de madeira, parafusos e presilhas de nylon. Após esses ajustes, a estrutura tornou-se mais resistente e continuou a ser utilizada no pátio coberto da escola.



Figura 07 – Reparo no Casa-Castelo

3.3 Impactos

Os benefícios do projeto foram notórios tanto para a comunidade escolar quanto para os estudantes universitários envolvidos. No contexto infantil, a participação ativa das crianças na construção do ambiente escolar aumentou sua autonomia, criatividade e autoestima, promovendo um aprendizado mais significativo e lúdico. A interação emocional com os espaços e artefatos criados, como as letras e a casa-castelo, reforçou sua identidade e pertencimento ao ambiente escolar, aspectos fundamentais para o desenvolvimento cognitivo e social das crianças.

Além disso, a experiência proporcionou melhorias diretas na dinâmica pedagógica dos professores. A introdução de novos recursos visuais e pedagógicos, como o alfabeto fixo e texturizado no campo de visão das crianças, potencializou o ensino da linguagem escrita, tornando-o mais acessível e interativo.

A criação da Casa-Castelo também ampliou as possibilidades de lazer e socialização, permitindo que as crianças desenvolvessem habilidades psicomotoras, negociassem regras e trabalhassem a cooperação por meio do brincar. Além de que tiveram seus pais presentes no momento de execução do artefato.

No âmbito da Arquitetura Efêmera, o projeto demonstrou como intervenções temporárias podem ter

impactos duradouros na aprendizagem e no bem-estar infantil. A flexibilidade das estruturas projetadas incentivou o exercício da criatividade e a apropriação do espaço pelas crianças, tornando o ambiente escolar mais dinâmico e adaptável às suas necessidades.

Para os estudantes envolvidos, a experiência foi uma oportunidade única de aplicar conhecimentos teóricos em um contexto prático e comunitário. O contato direto com os usuários e suas demandas reais permitiu o desenvolvimento de habilidades essenciais, como planejamento, execução e adaptação de projetos. Além disso, a experiência reforçou a importância do olhar sensível para as necessidades da comunidade existente fora da sala de aula e da construção de espaços inclusivos e democráticos.

Dessa forma, a extensão demonstrou o poder transformador da integração entre universidade e comunidade, promovendo um aprendizado coletivo e colaborativo. O projeto reafirmou a arquitetura como um agente forte na formação das pessoas, fortalecendo os laços sociais e contribuindo para a qualificação dos espaços escolares de forma acessível, criativa e sensível às demandas reais da infância.

4. Conclusão

O projeto desenvolvido destacou o papel transformador da arquitetura escolar na educação infantil, ao mesmo tempo em que fortaleceu os laços entre a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e a comunidade. A colaboração entre crianças, professores e extensionistas na criação de espaços lúdicos e pedagógicos não apenas tornou o aprendizado mais dinâmico e envolvente, mas também estimulou a criatividade e reforçou o senso de pertencimento dos alunos, criando uma relação mais afetiva e significativa com o ambiente escolar.

A extensão também reforçou a importância do envolvimento da universidade em ações que vão além do ensino acadêmico, aproximando o conhecimento técnico das demandas reais da sociedade. A parceria com a comunidade escolar demonstrou como pequenas intervenções, pensadas de forma colaborativa, podem gerar impactos significativos no cotidiano educacional, favorecendo a inclusão e a participação ativa dos usuários.

Logo, o projeto está alinhado aos ODS da ONU, especialmente na educação de qualidade (ODS 4) e na redução das desigualdades (ODS 10). Ao criar espaços lúdicos e pedagógicos, promoveu um aprendizado mais inclusivo e estimulante. Além disso, ao considerar a diversidade e as necessidades das crianças neurodivergentes, garantiu maior equidade e participação no ambiente escolar.

5. Referências

BRASIL. Convenção sobre os Direitos da Criança. Adotada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 20 de novembro de 1989. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/convencao-sobre-os-direitos-da-crianca>. Acesso em: 1 de nov. 2024.

COSTA, Bianka Victória Almeida de Siqueira. (Re)imaginando o universo da infância: estudo preliminar de reforma e ampliação da Unidade Acadêmica de Educação Infantil da UFCG. 2023. 127 f. Monografia (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Tecnologia e Recursos Naturais, Campina Grande, Paraíba, Brasil, 2023.

EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. As Cem Linguagens da Criança: A Abordagem de Reggio Emilia na Educação da Primeira Infância. Porto Alegre: Penso, 2016.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

JODIDIO, Philip. Temporary Architecture Now!. Köln: Taschen, 2011.

MALAGUZZI, Loris. História, Ideias e Filosofia Básica. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George (Orgs.). As Cem Linguagens da Criança: A Abordagem de Reggio Emilia na Educação da Primeira Infância. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

SOUZA, Raiffy; SOUSA, Gabrielle; MORAIS, Noeide; LIMA, Thais. Da Creche ao Colégio de Aplicação: As Crianças em Cena na UFCG há 45 anos. Campina Grande: UFCG, 2023.

VYGOTSKY, Lev S. A Formação Social da Mente: O Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WALLON, Henri. A evolução psicológica da criança. Lisboa: Edições 70, 1941.

Agradecimentos

Ao Estúdia - Estudos Integrados em Arquitetura -, por dar aos estudantes, a oportunidade de ultrapassar as paredes da sala de aula, e intervir diretamente na sociedade através da extensão.

À Unidade Acadêmica de Ensino Básico/Colégio de Aplicação da UFCG, pelo suporte e colaboração no desenvolvimento das atividades.

À Prefeitura Universitária, pela concessão dos marceneiros para suporte na execução da Casa-Castelo.

À UFCG pela concessão de bolsa por meio da Chamada PROPEX 003/2023 PROBEX/UFCG.